



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 23 - dezembro de 2019

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2019i23p1-3>

APRESENTAÇÃO

É dezembro, mês de Clarice

Este número da Revista FronteiraZ é dedicado a Clarice Lispector, que completaria 99 anos neste dezembro de 2019. Com efeito, aproxima-se a data do centenário de nascimento da escritora nascida em Tchechelnik, Ucrânia, aos 10 de dezembro de 1920, e falecida no Rio de Janeiro, aos 9 de dezembro de 1977. Afamada em vários países e traduzida em quantitativos idiomas, a autora pôde em vida gozar do merecido reconhecimento pela obra publicada. Contudo, é a partir dos anos 1990 que a recepção crítica, produzida no âmbito acadêmico, e os leitores, em geral, crescem notadamente, e com o aparecimento da Internet, esse índice parece hoje incalculável.

Quão não tem sido os vieses pelos quais se examinam sua densa e inconfundível prosa de ficção? Sem dúvida, muitos. O biográfico, o estético-filosófico, o psicanalítico, o jornalístico, o plástico (afinal, Lispector pintou vinte e dois retratos), as adaptações para o cinema e para o teatro, as missivas, as traduções que a obra recebeu e as traduções de títulos estrangeiros que Clarice realizou, enfim, esse conjunto riquíssimo de campos de abordagem (associado a outros) admite constatar que seu constructo literário encerra uma força ímpar e suscita no leitor turbulências e questionamento diversos.

A propósito, reúnem-se aqui onze artigos e dois vídeos (entrevista/depoimento) que, ao se aterem à originalidade e à singularidade de Lispector, ratificam o justo lugar de destaque ocupado por sua escritura em territórios nacional e estrangeiro. É o que faz Arnaldo Franco Junior, ao abordar a experiência do insólito em “Clarice Lispector e a poética da coisa”. Discute tal manifestação em textos breves de Lispector, reconhecendo nessa produção classificada como crônica algumas estratégias de fabulação que promovem a releitura de categorias como a alteridade e a epifania. Yudith Rosenbaum,

em “A escrita (do) impossível em *A hora da estrela*”, trata de uma fundante impossibilidade que rondaria a obra; pergunta-se: como dar forma a um ser impossível de ser apreendido pelas palavras? Analisa, à luz de postulados da psicanálise, a dinâmica da escritura protagonizada por Macabéa, visando um jogo no qual se movem autor, narrador, personagens e leitor.

Em texto intitulado “Uma aprendizagem outra: ensaio crítico-criativo de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector”, Maruzia Dultra pauta-se em conceito dos pensadores pós-estruturalistas Deleuze e Guattari e aventura-se por experiência de escrita, dando a ver uma carta (a rigor inventiva) da personagem Lóri a seu amante Ulisses. O texto é apresentado como uma citação adulterada. Também é objeto de reflexão a escritura clariciana em “Metaficcionalidade em *Um sopro de vida* de Clarice Lispector”. Luana Uchoa Torres desenvolve análise da obra, explorando procedimentos de construção intrínsecos à estruturação, a exemplo da autorreflexividade ou autorreferencialidade e da *mise en abyme*.

A produção de Clarice na imprensa é ressaltada no artigo “A transgressão do discurso hegemônico da imprensa feminina nas colunas de Tereza Quadros, máscara de Clarice Lispector”. Tânia Sandroni volta-se para uma fatia de produção muito expressiva e *sui generis* da autora: as páginas escritas por Lispector, na imprensa, mas assinadas com o nome de Tereza Quadros, e destinadas a um público feminino. Sandroni apoia-se em vários estudos – entre os quais, a pesquisa pioneira de Aparecida Maria Nunes sobre Clarice Lispector no jornalismo.

Outra face da escritura de Clarice é revelada em “Figuras da mundivisão masculina em Clarice Lispector”. Neste artigo, António Ladeira investiga, em romances e em contos de Lispector, a personagem masculina, apreendendo suas características recorrentes, a fim de problematizar seu lugar sociocultural e sua relação com o sujeito feminino. Denise Landi Corrales Guaranha e Manoel Francisco Guaranha propõem, por sua vez, uma leitura intertextual do conto clariciano “A Bela e a Fera ou a ferida grande demais”, com vistas a contos de fadas, à mitologia e à morte, no texto que denominam “Diálogos intertextuais de Clarice Lispector: o caso de ‘A Bela e a Fera’ e as duas pontas da existência”.

Na vertente Clarice e o mundo artístico, em “Clarice Lispector e Virginia Woolf: trajetos e encruzilhadas”, de Solange Ribeiro de Oliveira, lê-se, em paralelo, assimilando temáticas em comum, as obras *A paixão segundo G.H.* e *Ao farol*. Centra-se em busca última de ambas: os conflitos existenciais, em particular aqui, suas relações

com a arte. A relação da escritura clariciana com a filosofia é enfatizada em “A literatura filosófica de Clarice Lispector”, de Pamela Zacharias, que se fundamenta também nos filósofos franceses, Gilles Deleuze e Félix Guattari. Engendra leitura de Lispector em aspecto fulcral da escrita literária, de heurística consagrada na esfera do saber – a categoria personagem. Objetiva discutir em que instância personagens estéticos e personagens conceituais se atravessam.

Na perspectiva biográfica, o artigo de Thiago Cavalcante Jeronimo, intitulado “A Clarice de Benjamim Moser: uma ‘evidência folclórica’”, examina a biografia de Lispector pelo norte-americano, assinalando e justificando equívocos de leitura, bem como intenções de ordem sensacionalista no livro.

No tocante à recepção nos Estados Unidos, o artigo de Marcela Lanius, “‘Colagem de impossibilidades’: os desenlaces da tradução”, explora conceitos de teoria da tradução, perscruta questões de natureza autoral e discute as duas versões em língua inglesa do romance *A paixão segundo G.H.*

A essa gama de artigos reúnem-se dois ensaios. O primeiro, “Literatura de infância: a fábula infantil”, de Maria José Palo, que traz significativa contribuição à Literatura de Infância ao abordar a fábula “como a fundação do gênero infantil, e o fenômeno da palavra infantil como sua auto referência”. O segundo, “A alteridade construída na ruptura e na transgressão”, de Elisabete Alfeld, trata de análise do filme *A forma da água* (DEL TORO, 2017), inter-relacionando fabulação, alteridade e linguagem audiovisual. Segue essa seção Ensaios Literários, a seção Resenhas, na qual Júlio Valle apresenta resenha para o livro *How to teach your children Shakespeare*, de Ken Ludwig. Menos manual e mais relato de experiência, o livro pode sugerir a pais e professores estratégias de mediação de leitura.

Na seção Entrevista/Depoimento, o leitor deste dossiê terá a oportunidade de ouvir Nádia Battella Gotlib (USP), pesquisadora renomada da obra de Clarice Lispector, assim como a professora Olga de Sá (PUC-SP), em depoimento, também pesquisadora pioneira da obra clariciana. A linguagem e a recepção da obra de Clarice norteiam suas exposições.

Maria Aparecida Junqueira (PUC-SP)

Ricardo Iannace (USP)